

A PRÁXIS COMO CAMINHO MISTAGÓGICO LATINO-AMERICANO

Estudo sobre a espiritualidade da libertação no livro *Beber do próprio poço* de Gustavo Gutiérrez

*Professora de Teologia Sistemática no ITESP e no EDT

Ceci Baptista Mariani*

Resumo:

*A a. com este ensaio busca retomar da Tradição latino-americana pós-conciliar, a reflexão sobre a espiritualidade mostrando como a práxis no Senhor, isto é, conjunto ação/reflexão proposto pela espiritualidade da libertação, adquire o sentido de caminho místico, caminho de união com Deus. Como ponto de referência para essa formulação, ela toma o livro *Beber do próprio poço* de Gustavo Gutiérrez. Essa obra, considerada uma das obras latino-americanas mais importantes sobre espiritualidade permite visualizar como uma práxis libertadora, a inserção no mundo dos pobres e a luta pela justiça e libertação foram vivenciadas e descritas como mistagogia: conversão, caminho para o encontro com o Mistério e força de santidade.*

Chaves:

Mística, Trindade, Espiritualidade: latino-americana.

O cristianismo vai desde seus primeiros esforços de formulação da experiência de Deus afirmar a Trindade. O mistério é Trindade. Verdade que emerge na história como água viva, água de rio, água de fonte, superabundante, sempre em movimento. Água que se oferece para ser saboreada, mas que não pode ser

represada. Água que mata a sede que se tinha no passado, que se tem agora e que se terá no tempo futuro.

O símbolo da Trindade nasce de uma experiência concreta de salvação: experiência de vida na eminência da morte, sobrevivência, experiência de vida, apesar da morte, ressurreição. Origina-se numa comunidade *que tem como tradição* a experiência de Deus que ouve a súplica que emerge de dentro do sofrimento: JHWH. Comunidade também que *conhece a Jesus Cristo*, por tudo o que fez e disse, torturado, morto e ressuscitado. A comunidade que conhece, não só conhece, mas também proclama que esse Jesus Cristo é o Messias esperado para liberar o povo de Israel; mártir, morto como testemunha da Verdade; Filho de Deus e Senhor da história. E finalmente, ou antes de qualquer coisa, comunidade que faz a *experiência de um Ânimo*, um impulso para a vida que se traduz em movimento missionário. A comunidade reconhece, no acontecido, uma boa notícia de Deus, que é evangelho para ser proclamado e propagado. Aquele que segue Jesus, o Cristo, torna-se também criativo no enfrentamento dos novos desafios. A comunidade experimenta um Espírito que torna Jesus, o Filho de Deus, presença atual nela, Espírito Santo.

TRÊS PROPOSTAS MISTAGÓGICAS DE APROFUNDAMENTO DO SÍMBOLO TRINITÁRIO

O nome do mistério é portanto, para o cristão, Trindade, unidade na diversidade, um Deus em três pessoas. Esse símbolo, através do qual, o cristão confessa sua fé, foi recebido, ao longo da história e aprofundado de várias maneiras. Podemos, todavia, sintetizar essas várias maneiras, destacando três ênfases, três propostas mistagógicas de aprofundamento do símbolo trinitário.

A primeira proposta, inspirada em Agostinho, trabalha o caminho para o mistério segundo a dinâmica do conhecimento de si. Agostinho busca a interioridade mais profunda, supondo que, entre Deus e a alma existe algo em comum, e supondo também que o sentido a existência da alma é ser UM com Deus. O encontro com o Mistério, nesta perspectiva, se dá na medida que a alma empreende um itinerário para dentro de si. Para Agostinho, na interioridade do sujeito consciente está a Verdade, o objeto da sua filosofia *é a consciência, cujas profundidades e mistérios compete à inteligência desvendar...*¹

Uma segunda ênfase está inspirada em Tomás de Aquino, que entende que Deus é o grande ordenador e o caminho para o mistério se dá pela via do encontro com o mundo percebendo sua racionalidade. Contemplar a Deus, conhecendo a dinâmi-

1 Cf. A. S. PINHEIRO, Introdução. *O Mestre*, São Paulo, Landy, 2000, p. 25.

ca da relação entre DOIS, o sujeito e o objeto, deleitando-se do movimento que articula matéria, forma, eficácia e finalidade.

Uma terceira ênfase, uma terceira inspiração, um terceiro caminho de encontro com o mistério, arriscamos dizer, inspira-se numa proposta mistagógica apostólica. Essa inspiração encontra referência remota em Inácio de Loyola, ou seja, uma mistagogia em forma de *Exercícios Espirituais* que procura insistentemente discernir o caminho do *que fazer*; caminho da ação no encontro com o outro, a missão. A espiritualidade Inaciana, afirma Gutiérrez em nota do livro *Beber do próprio poço*, é um exemplo claro da relação entre liberdade e amor. A eleição sendo o momento-chave dos *Exercícios*, ele vai dizer, não adquire sentido pleno fora da relação com a *oração para se obter amor*.²

2 Cf. G. GUTIÉRREZ, *Beber do próprio poço*: Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 105.

Na América Latina, mais contemporaneamente, essa mesma perspectiva apostólica, ganha nova explicitação: o encontro com o Mistério pelo caminho da *práxis*, experiência de compromisso com o outro, o mais excluído; mistagogia que, reafirmando a opção de Deus pelos pobres, possibilita a tão (ainda) necessária, abertura para a diversidade.

Como ponto de referência para essa formulação, tomamos o livro *Beber do próprio poço* de Gustavo Gutiérrez, uma das obras latino-americanas mais importantes sobre espiritualidade. A partir desse trabalho, publicado na década de oitenta, podemos visualizar como uma *práxis*, unidade entre teoria e prática em vista do compromisso transformação social, foi vivenciada e descrita como mistagogia, conversão e caminho para o encontro com o mistério.

A PRÁXIS COMO CAMINHO MISTAGÓGICO LATINO-AMERICANO

Uma nova ênfase no caminho para o Mistério é sempre iniciativa divina. A espiritualidade da libertação, enquanto *vivência espiritual dos cristãos comprometidos com o processo de libertação iniciado pelos pobres da América Latina com vistas à afirmação de suas dignidades humanas de filhas e filhos de Deus*³ tem como ponto de partida um *kairós*, o *tempo propício*, tempo de Deus na história que reúne e enriquece a diversidade. É o tempo particular vivido como apelo universal, lugar onde germina o fermento com força para contaminar e fazer crescer a massa, semente de mostarda...

3 Idem, p. 13.

1. A irrupção dos pobres: *O tempo propício*

Os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos são curados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres recebem a boa-

nova (Mt 11, 5). O povo pobre na América Latina canta um cântico novo na terra que se tornou estranha. Empreende uma marcha, se põe a caminho, realiza um êxodo da terra, lugar de opressão, para a mesma terra em busca de libertação. O tempo é propício, uma nova espiritualidade nasce, num contexto particular e determinado, para interpelação geral, por obra e graça de Deus.

A espiritualidade da libertação representa para Gutiérrez, uma novidade que tem como ponto de partida e eixo fundamental a visão do *tempo propício*. Vive-se na América Latina um *kairós*, ele afirma: *Todo um povo se pôs em marcha para construir um mundo no qual as pessoas sejam mais importantes que as coisas, todos possam viver com dignidade.*⁴ Na luta pela afirmação do direito à vida o povo pobre é agente de uma nova maneira de seguimento, ultrapassa a barreira da resignação e alimenta uma confiança elevada na libertação que vem de Deus.

4 Idem, p. 13.

Um *kairós* é um momento de revelação intensa! O livro *Beber do próprio poço*, como bem observa Frei Gorgulho na *Apresentação* do mesmo, descreve a trajetória pessoal do próprio autor que *viu, ouviu, apalpou* a presença do ressuscitado no tempo que devendo ser tempo de morte, se apresenta como tempo de vida. Na América Latina, Gutiérrez insiste, cresce um movimento de solidariedade na defesa dos direitos humanos, em particular dos pobres, na Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Bolívia; ou para com os exilados e desaparecido do Haiti, Uruguai, Chile, Argentina, Paraguai e outros. Pululam grupos e organizações de solidariedade entre os despojados e para com eles.⁵ O tempo é também de oração intensa, o compromisso libertador trouxe valorização da oração; de martírio, numerosos são os que deram a vida para testemunhar a presença dos pobres que tem sido negada; e de salvação, na medida em que renova a Igreja e se constitui em oportunidade de evangelização.

5 Idem, p. 32.

O ponto de partida é um encontro místico. O ressuscitado é *visto, ouvido, apalpado* na aventura coletiva de um povo. Para José Comblin, o Espírito Santo é a presença da força libertadora do Pai e do Filho nos pobres que despertam para uma ação coletiva no mundo. Os pobres fazem experiência da liberdade na luta quando começam a pensar juntos, formar associações, ligas, sindicatos e comunidades. As comunidades pobres recuperam a palavra e, afirmando a si mesmos, sua vontade de existir. Denunciam as estruturas de dominação e recuperam o ânimo, a força, a esperança. As CEBs, ele afirma, testemunham uma ressurreição das massas reduzidas à passividade. Ações humildes entre vizinhas, organizações de bairros, celebrações de pequenas vitórias, por um lado, grandes responsabilidades por outro, representam esforços de refazer laços comunitários que formam destruídos.

É um milagre o nascimento de comunidades em meio a aglomerados urbanos e em meio a proletarianização dos campo-

neses, vai festejar José Comblin. Milagre é, todavia, todo esse movimento que se processa socialmente e intereclesialmente, mas que, no entanto, apenas pode ser visto, ouvido e apalpado por aqueles que se dispuseram a fazer também como os pobres, um êxodo, sair do próprio lugar, inserir-se.

2. Sair do próprio lugar: *inserir-se na experiência dos pobres*

O *tempo propício* na América Latina, afirma Gustavo Gutiérrez, convoca a todos para uma saída de si no sentido de que todos os cristãos (os religiosos principalmente) se integrem, isto é, convertam-se à experiência que os pobres têm de Deus. Não basta reconhecer as questões e os desafios que a vivência popular coloca para a espiritualidade, é preciso sair do próprio lugar, incorporar-se a essa vivência que, sendo profunda e globalizante, tem força para renovar e dar novo significado às diversas tradições espirituais instituídas. *Para os que se situam no interior de uma determinada tradição espiritual, a inserção nesta experiência significa levar junto com eles, esta tradição.*⁶ Essa vivência espiritual é o *poço de água viva* do qual se deve beber para ser, nesse tempo, fiel a Jesus Cristo.

6 Idem, p. 45.

A inserção, conversão à experiência que os pobres têm de Deus, possibilita a vivência da unidade num movimento Pascal que supõe morte e ressurreição. Do lugar do pobre, todos são chamados a vivenciar a morte dos caminhos espirituais individuais e a ressuscitar com o povo em matéria de espiritualidade. A inserção implica a construção da unidade pelo caminho *Paixão*, angustiante insegurança provocada pela desarticulação dolorosa entre o caminho institucionalmente proposto e as exigências do compromisso na vida cotidiana.

A inserção enquanto experiência de conversão, para Gutiérrez, implica duas rupturas, a primeira consigo mesmo e a segunda com o meio social a que se pertence. A vontade de compromisso com os pobres faz reconhecer a omissão diante das exigências de transformação, *sem a percepção das complicitades pessoais com o que mantém um situação desumana, corre-se o risco de farisaísmo.*⁷ Faz enxergar também, as causas sociais, estruturais, os *mecanismos sociais* injustos. A inserção vai, fundamentalmente, implicar uma ação, ou melhor, uma *práxis* de libertação.

7 Idem, p. 109.

3. Empreender uma *caminhada* mistagógica: *A práxis no Senhor*

8 Cf. F. TABORDA. *Sacramentos, práxis e festa*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis, Vozes, 1987.

A *práxis histórica no Senhor* é a feição *epocal* da fé na América Latina, afirma Francisco Taborda no livro *Sacramento, práxis e festa*.⁸ A *práxis*, unidade entre teoria e prática em

vista da transformação, quando assume o qualificativo *no Senhor*, passa a ter como motor fundamental o apelo do Totalmente Outro para a vivência de uma solidariedade radical.

A *práxis* libertadora no Senhor opera uma mudança de ênfase no sentido da caridade que passa a ser mais uma exigência objetiva que um dever subjetivo onde o que conta é a intenção. A verdadeira caridade, vai afirmar Gutiérrez, *tenta partir das necessidades concretas do outro e não do nosso 'dever' de praticar o amor. A caridade é respeitosa do próximo e, por isso, deve partir de uma análise de sua situação concreta e de suas exigências.*⁹ A *práxis* libertadora, proposta pela espiritualidade da libertação vai ter uma preocupação com a busca da eficácia na medida em que percebe que a luta contra a injustiça exige análise adequada de causas e do eventual tratamento.¹⁰ Todavia, a busca da eficácia, segundo o mesmo autor, é, na perspectiva dessa espiritualidade, envolvida pela confiança que o poder vem de Deus. O desejo de eficácia vai atribuir nova vigência à vivência da gratuidade. O poder de Deus envolve, ao mesmo tempo em que solicita para um compromisso real e eficaz, a transformação que se busca com o máximo esforço humano, se experimenta como dádiva divina.

9 Cf. G. GUTIÉRREZ, *Beber do próprio poço*, op. cit. p. 119.

10 Idem, p. 119.

A solidariedade como apelo de Deus opera um descentramento, liberta de si mesmo, liberta do mundo e conduz em direção ao Mistério. O tema do desprendimento, pobreza de espírito ou infância espiritual é aspecto importante que compõe essa mistagogia. Para Gutiérrez o compromisso com os pobres imprime também aqui uma mudança de ótica na medida que é a solidariedade com o pobre contra a pobreza real que dá sentido ao desprendimento e possibilita viver uma autêntica pobreza espiritual. Sem a solidariedade, ele afirma, o desprendimento dos bens deste mundo se converte numa ilusão.¹¹ E, finalmente, é também a solidariedade que faz redescobrir uma verdadeira vida comunitária a partir da solidão, considera o autor. É na noite escura da injustiça estrutural, em meio ao medo, à impotência e à falta de referências que se aprofunda o sentido e a necessidade de viver em comunidade. A espiritualidade da libertação vai entender que a comunidade é componente básico, condição de saúde e sobrevivência e não uma instância de pertença optativa.¹²

11 Idem, p. 138.

12 Idem, p. 143.

Essa *práxis* é ação/reflexão motivada fundamentalmente por uma articulação entre a dimensão da experiência histórica imanente, a indignação diante da experiência da opressão, a dimensão da transcendência, abertura para o outro, compaixão e desejo de outra condição histórica. Para Taborda a abertura para o futuro e para o outro são indicadores de uma abertura mais radical, abertura para o futuro absoluto. A *práxis* his-

tórica transformadora *no Senhor* tem perspectiva escatológica. O dinamismo dessa ação, estando no outro e no futuro absoluto, atravessa a imanência, acolhe a história e se desprende dela para buscar repouso na transcendência. A *práxis no Senhor*, conjunto ação/reflexão proposto pela espiritualidade da libertação, à diferença de uma *práxis* pragmática, secular, transforma-se em mistagogia, caminho descrito e apresentado para a união com Deus.

4. A abertura para a diversidade: *a novidade que permanece*

Em síntese, essa espiritualidade da libertação descreve um caminho mistagógico onde, pela vivência da solidariedade, se experimenta a angústia da ausência de Deus que falta em si mesmo quando se reconhece a própria omissão, que falta no mundo que se tornou lugar de opressão e que falta no outro que se transformou em instrumento de desumanização.

Todavia, por outro lado, quando se sai de si, se rompe com o mundo e se entra no mundo do pobre comprometendo-se com uma *práxis* libertadora, se experimenta a presença incômoda de uma esperança, utopia que já era grande quando se buscava e se tinha mais clareza em relação às *causas e tratamentos* para a condição de pobreza que continua se aprofundando na América Latina, e que se torna maior numa atualidade em que perguntas, sem grandes respostas, fazem o cristão dar o *salto da ação* com uma radicalidade abissal, confiança na eficácia do dom de Deus.

Essa esperança incômoda, incompreensível diante de mecanismos de opressão ainda mais complexos é o que congrega. De fato, é movimento do Espírito, espiritualidade que, propondo a *práxis no Senhor*, solidariedade radical como caminho mistagógico, torna possível vivenciar unidade na diversidade e nesta medida responde ao novo e grande desafio do pluralismo cultural, étnico e religioso.

Neste sentido Marcelo Barros avalia a espiritualidade cristã nesta mudança de milênio.¹³ Lembrando os 30 anos de publicação de *Beber do próprio poço*, vai afirmar que a espiritualidade da libertação expressa na obra de Gutiérrez que se caracteriza pela escuta da Palavra na vida, pela intimidade amorosa com o Pai, pela solidariedade com o pobre contra a injustiça e pelo diálogo com o diferente, tem o que dizer sobre o desafio da inculturação e a exigência contemporânea do diálogo inter-religioso. Para ele, a essa espiritualidade levou, nos últimos anos, à compreensão de que a comunhão com o pobre, a inserção, implica o acolhimento amoroso e aberto das mais diversas inspirações religiosas espirituais presentes na maneira de viver

13 Cf. M. BARROS, À procura do encanto perdido: a espiritualidade cristã nesta mudança de milênio. Em L.C. SUSIN, (Ed.), *Sarça Ardente. Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2000, p. 435-449.

o sincretismo próprio das classes populares. *O mergulho espiritual na realidade dos pequenos, ele vai dizer, não pode ser apenas sócio-político, mas deve tomar a expressão da comunhão com as culturas e a valorização das religiões populares com sua profunda dimensão mística e espiritual.*¹⁴

14 Idem, p. 440.

Portanto, *a novidade permanece* e o livro de Gutiérrez continua atual.